

PONTE DE LIMA (Correlhã)

Correlhã é uma freguesia do concelho de Ponte de Lima, distrito de Viana do Castelo. A capela de Santo Abdão da Correlhã e a igreja de São Tomé distam cerca de 4 km da sede de concelho. Sair de Ponte de Lima pela Avenida António Feijó, virando à esquerda para a rua Cândido da Cruz e depois à direita para a rua Agostinho José Taveira, entrando na estrada N203. Manter-se nesta estrada cerca de 3 km e depois virar à esquerda para a rua da Capela de Santo Abdão, estrada M536, e a capela encontra-se cerca de 500 m à frente, à direita e fronteira à igreja matriz da Correlhã.

A freguesia está situada nas margens do rio Lima e por ela passa o rio Trovela. A via romana que de Barcelos ia para Ponte de Lima, seguia pelo vale da Facha até à Correlhã, confluindo pouco depois na via romana de Braga a Tui, do itinerário XIX.

O orago da freguesia é São Tomé. Diz a tradição que Correlhã foi fundada por um pretor romano de nome Cornélio. O rei de Oviedo, Ordonho II conquistou o território aos mouros em 914 e doou-o aos bispos de Santiago de Compostela no ano seguinte. Transformar-se-ia no posto mais avançado do domínio eclesiástico compostelano em território português, sendo bem conhecida a sua utilização estratégica no "pio latrocínio", ou roubo das relíquias de São Frutuoso, levado a cabo por D. Diego Gelmires, arcebispo de Compostela, em 1102. Em 1064, Fernando Magno dera a vila ao bispo Crescónio de Iria. Mais tarde, o bispo de Braga, D. Paio, e o bispo de Compostela, D. Gelmires, disputam, entre outros bens, metade da vila de Correlhã. Em 1120, o bispo de Santiago concede foral a Correlhã, o qual é confirmado no mesmo ano por D. Teresa. Nas Inquirições de 1220, a freguesia fazia parte da Terra de Ponte de Lima e nas de 1258 aparece mencionada como couto e concelho, e integrado no julgado de *Corneliana*, ou da Correlhã. Em 1324, D. Dinis, a pedido de D. Berenguer, arcebispo de Santiago, confirma os privilégios à vila de Correlhã. O mesmo faz o seu filho, D. Afonso IV, dez anos mais tarde.

Em 1426, D. Afonso Conde de Barcelos comprou a vila ao bispo galego, passando a pertencer à Casa de Bragança. A antiga freguesia de São Tomé de Correlhã era reitoria da apresentação do ordinário e comenda da Ordem de Cristo, da Casa de Bragança, cabeça do couto e mais tarde reitoria.

Correlhã foi, até ao início do século XIX cabeça de couto, que incluía também a freguesia de Paradela de Seara.

Capela de Santo Abdão

AS ORIGENS DESTA CAPELA DE SANTO ABDÃO estão envoltas em lenda, como tantas outras igrejas e capelas medievais muito por falta de fontes históricas que esclareçam o seu aparecimento. A invocação de Santo Abdão, ou Santo Eudon ou Abdon, segundo relata Américo Costa, teria origem num romeiro italiano que vindo de Santiago de Compostela decidira fazer aí vida eremítica. Lourenço Alves associa o culto a este santo na Correlhã com uma possível influência bizantina altimedieval. Por sua vez, Ferreira de Almeida enfatiza que o culto a Santo

Abdão recebeu um relativo incremento no século XIV. A sua imagem ainda hoje se venera no altar, na figura de um monge com bordão de romeiro na mão direita, e na outra um livro aberto. Trata-se de uma imagem do século XVIII, em madeira policroma e estofada. Consta que o seu culto se manteve arraigado por largo tempo, e a "êle acudiam de longes terras em piedosa romagem" como nos diz Figueiredo Guerra em 1924.

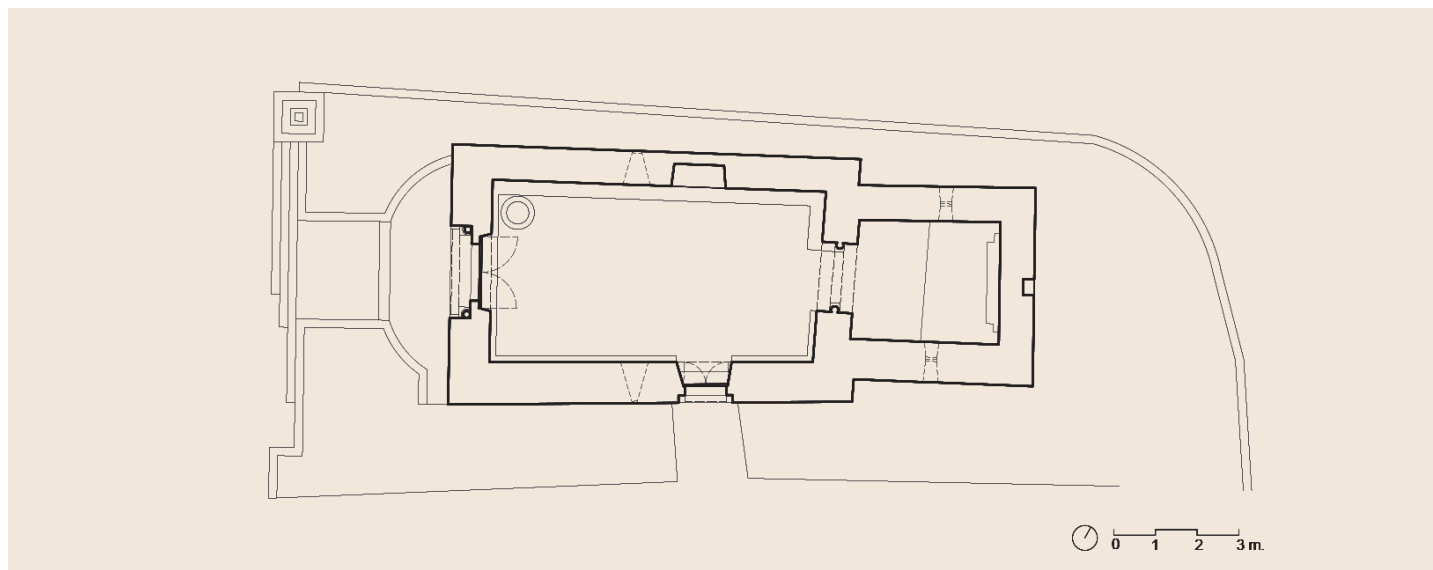
Carlos Alberto Ferreira de Almeida bem notou a motivação funerária desta capela, edificada já num período



*Perspetiva geral
da capela a partir
de este*



Alçado oeste



Planta

coevo do gótico, época em que estas se disseminaram. Facilmente se compreende esta hipótese. O mais provável é que esta pequena capela, qual ermida, ficasse ou dentro do cemitério que rodeava a igreja paroquial românica, como sugeriu Figueiredo Guerra, ou já no seu perímetro. De notar que no adro da capela persistem diversas caixas e tampas de sepultura em granito e que confirmam a importância que a tumulação teve neste local durante a idade média.

De facto, a capela de Santo Abdão foi edificada a norte da igreja matriz da Correlhã, distando desta aproximadamente 25 m. Em tom acentuadamente bucólico, Aguiar Barreiros enfatiza que “da parochial da Correlhã à capela de Santo Abdão não há mister de longa jornada, que muito perto, ali mesmo, conchegada ao extremo do adro da Igreja a todos vae atrahindo com a sua elegante fachada de testa ao poente”.

Segundo as Inquirições de 1220, o rei não detinha qualquer reguengo na freguesia de Correlhã, não recebia qualquer foro, nem era patrono da igreja. É assinalado que Santiago de Compostela tem na freguesia 60 casais e a igreja é sua bem como uma ermida. Apesar de não estar nomeada, poderá tratar-se da capela de Santo Abdão.

A lista das igrejas, mosteiros e comendas do reino, ordenada por D. Dinis em 1320, não faz qualquer referência a esta capela, como se pode, portanto, compreender, mas faz antes à próxima igreja matriz de São Tomé da Correlhã, que foi taxada em 300 libras. Também as Memórias Paroquiais ordenadas em 1758 não têm qualquer referência a esta paróquia da Correlhã. Apenas se registam num volume separado algumas anotações, breves, sobre esta freguesia, nomeadamente que a freguesia de Correlhã era couito da Casa de Bragança.

É evidente o caráter tardio da fábrica de Santo Abdão da Correlhã. Além do culto a que foi dedicada, do caráter evidentemente funerário que está a montante da sua edificação, devemos notar que são vários os elementos estruturais e formais que indiciam que esta não foi edificada na segunda metade ou finais do século XIII, como sugeriu Ferreira de Almeida, mas poderá inclusive ter sido erguida no início do século seguinte. Funda-se esta última proposta na possível datação feita por comparação com a igreja, próxima, de Santa Eulália de Refoios de Lima que será de finais do século XIV e que apresenta soluções mais avançadas.

A capela de Santo Abdão da Correlhã destaca-se pela homogeneidade do conjunto. A sua estrutura é relativamente simples e de reduzidas dimensões, compondo-se de nave única e cabeceira retangular, bastante mais baixa e estreita. A diferenciação volumétrica entre ambos os corpos é evidente, acentuando a diferença de altura entre os telhados de duas águas que os cobre e que no interior cria uma cobertura em madeira. O aparelho utilizado na sua edificação é pseudo-isódomo, marcado pela presença de silhares de grandes dimensões que, compensados por outros muito menores, enformam fiadas regulares, todas à mesma altura. No lado norte, num dos silhares, é visível uma cruz de sagração, patada, reaproveitada no enchimento do portal. Alguns silhares mostram bem as suas siglas, de feição tardia, muitas das quais alfabéticas.

Na parede fundeira da cabeceira, voltada a este, persiste uma fresta que alarga para o exterior. Apesar de mutilada, percebemos bem o cuidado posto na sua configuração. Uma muito pequena arquivolta, com toro e escócia, é sustentada por dois capitéis vegetalistas de talhe fino e que se apoiariam sobre finos colunelos, hoje desaparecidos. A



*Alçado oeste.
Pormenor do portal*

Cabeceira. Alçado este. Pormenor da fresta



fresta que se rasga sobre o arco cruzeiro, iluminando a nave a partir de este, tem um arranjo semelhante.

No alçado sul da cabeceira rasga-se uma fresta, de perfil retangular, que alarga também para o exterior. Persistem dois cachorros com rolos, mais próximos da nave, e os restantes são de proa, confirmando estes o carácter tardio do estaleiro desta capela.

Na nave, a cachorrada que sustenta a cornija em ambos os seus lados, profunda e com ressalto, apresenta motivos mais variados. Uns são de proa, outros mostram rolos,

outros toros ou ainda composições de sabor geométrico, combinando toros e meias esferas. No lado norte sobressaem motivos animalistas como duas cabeças de animais, um peixe ou o que poderá ser uma figura antropomórfica. O desgaste deste último não nos permite confirmar esta possibilidade.

Os dois alçados são rasgados por uma muito estreita fresta, que alarga para o interior.

O portal que permite o acesso ao interior da igreja a partir do lado sul mostra bem como o tímpano, elemento caracteristicamente românico se casa com um modelo estrutural mais recente, já de feição gótica. Assim, o tímpano mostra ao centro, uma cruz perfurada dentro de círculo e envolvida por pequenos toros incisos enformando arco envolvente. A sua forma é definida por arco quebrado, que um arco envolvente, sem decoração e inscrito na espessura do muro, enfatiza. O tímpano assenta sobre mísulas e estas, bem como o arco, sobre os pés direitos do muro.

Confrontante, o portal norte está hoje entaipado. Mas a sua cicatriz, marcada pelo arco envolvente, permite identificá-lo bem na leitura do alçado.

A fachada oeste, terminando em empena, é dominada pelo portal e pelo óculo que, ao modo de rosácea, o encima. Estamos diante de uma estrutura muito original,

encerrada por uma lápide que se perfurou com círculos, desenhando com estes uma cruz que se ladeou com outros círculos nos respetivos ângulos. Na moldura do círculo duas fiadas de meias esferas.

A configuração do portal oeste confirma a cronologia tardia já identificada na fábrica de Santo Abdão. De arco apontado, é composto por uma arquivolta lisa, com aduelas bem facetadas, que se apoia sobre impostas, lisas do lado norte, e com motivo perlado no lado sul, e colunas com seus capitéis. Apesar de desgastados, os motivos fitomórficos com seus enrolamentos prendem-se bem ao cesto, que um colarinho separa do fuste cilíndrico. O arco envolvente, com configuração semelhante à arquivolta, sustenta-se já nos pés-direitos do muro.

Mas o elemento mais significativo do conjunto é o tímpano, formado por um único silhar. Contudo, ele apresenta-se tripartido. Ou seja, ao centro vemos uma depressão vertical e que resulta de uma determinação consequente de uma visita realizada em 1750 e que ordenou que se picasse no tímpano "a indecente e profana estatua, deixando a pedra do painel lisa e rasa". Desconhecemos que figura estaria aqui representada. Contudo, sabemos que se tratava de um homem nu, mostrando os genitais, pelo que, em meados do século XVIII, foi considerada indecorosa para estar sobre a porta de uma capela. Manuel de Aguiar Barreiros interpretou-a como uma representação de Adão. Por isso, Ferreira de Almeida notou como este tímpano é curioso para a história das mentalidades e

Interior. Perspetiva geral da nave a partir do lado ocidental



Interior. Arco triunfal. Capitel do lado do Evangelho (em cima) e capitel do lado da Epístola (em baixo)



dos símbolos. À moralidade de setecentos escaparam os símbolos que ladeavam a suposta figura ictifálica e que, conjugados com esta, só poderiam ter um evidente caráter apotropaico. Assim, do lado sul vemos uma cruz hasteada, com ave pousada no cimo, representação que parece manter um sentido funerário. Do lado oposto, um nó de Salomão, com um podão no alto. Seguramente que este tímpano seria um dos mais interessantes do românico português.

O tímpano apoia-se sobre mísulas ornamentadas. No lado norte vemos um motivo floral e no lado sul, dois rolos.

No adro, no patamar fronteiro ao portal, reaproveitou-se uma pedra onde vemos incisas linhas curvilíneas ao modo de espiral.

No interior da capela sentimos o mesmo tom de harmonia entre elementos estruturais e os decorativos. A abside é dominada pelo retábulo em talha dourada que acolhe a já referida imagem de Santo Abdão. Mas é na parede fundeira da nave que se encontram os mais significativos elementos românicos. Sobre o arco triunfal, a fresta que ilumina a nave a partir de este, alargando para o interior da igreja, mostra uma composição semelhante à do seu exterior. Sob esta, destaca-se o arco triunfal, cujo vão, muito fechado, encerra a capela-mor perante a nave, à boa maneira românica. Quebrada, a sua arquivolta é lisa, apoia-se sobre impostas com modinatura que se prolonga ao modo de friso pela parede da nave. As colunas de tambores têm capitéis já mais altos, denunciando a cronologia tardia da sua feitura. Mostram, no lado da Epístola, motivos vegetalistas e, no lado do Evangelho, enrolamentos enquadrando um rosto humano, ao modo de mascarão. Envolve o conjunto um arco com modinatura semelhante à da imposta, mas marcada por toro diédrico no ângulo interno.

Os paramentos mostram o granito aparente, permitindo ver algumas siglas. A cicatriz do portal norte também se afirma no interior da capela, criando um nicho que poderá ter acolhido, num dado momento, um retábulo lateral.

A implantação muito próxima da paroquial de Correlhã, a função funerária que poderá estar na origem da sua construção, mas também a rara representação do tímpano do portal oeste e que ditou o seu apagamento após a visitação de 1750, fazem da capela de Santo Abdão um caso de estudo singular no contexto do românico português. Além disso, apesar de tardia, assumiu-se como uma tipologia mais cara do gótico que ao românico, a de capela.

Aguiar Barreiros cedo a destacou no contexto do românico de Ribeira Lima “pela harmonia e equilíbrio das suas linhas construtivas e comedida distribuição escultórica, pois é sabido que nem sempre o acumulado dos ornatos decidem do valor artístico de uma obra”.

Edificada provavelmente no século XIV, a capela de Santo Abdão da Correlhã apresenta características de um românico tardio, cujos singulares elementos decorativos são de grande interesse. Foi classificada como Imóvel de Interesse Público por decreto de 1957.

Texto: MLB/JL - Fotos: MF/MS/MLB/SVS
Plano: GM/MF/MS (sobre SIPA-DGPC)

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1978a, II, pp. 263-264; ALMEIDA, C.A.F., 1986b, pp. 60 e 62; ALMEIDA, C.A.F., 1987a, p. 110; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 93; ALMEIDA, F., 1971, IV, p. 101; ALVES, L., 1982, p. 80; BARREIROS, M.A., 1926, pp. 27-30; COSTA, A., 1929-49, V, pp. 728-730; COSTA, A.C., 1706-12, I, p. 364; GEPB, 1935-60, VII, pp. 778-779; GUERRA, L.F., 1924; MEM. PAROQ. 1758 (2005), p. 338; PMH, INQ., p. 241 (de 1220); SIPA; VIAS ROMANAS.

Igreja de São Tomé

A PRIMEIRA REFERÊNCIA conhecida à freguesia e igreja de São Tomé da Correlhã data de 915 e diz respeito à doação que Ordonho II fez ao bispado de *Iria Flavia*, do referido território *in ripa Limie villam quam vocitant Cornelianam [...] et in ea ecclesiam Sancti Thome apostoli*. Entre 1061 e 1065, Fernando Magno outorga vários diplomas autorizando o bispo e clero de Compostela a povoar a vila de *Cornelianam ripa Limie*. Em 1097, os condes D. Henrique e D. Teresa confirmam a Santiago de Compostela a doação de Correlhã, em cuja igreja está a data *In Era MCLXX* (ano 1132).

De 1140 data uma inscrição gravada no lintel do tímpano do portal norte, onde se pode ler

IN ERA · I · C 2 XX VIII SVA[riu]s (?)

Segundo Mário Barroca poderá tratar-se da inscrição comemorativa da sagração da igreja de São Tomé da Correlhã. Carlos Alberto Ferreira de Almeida é antes da opinião de que esta inscrição não se refere à igreja atual, de feição mais tardia, mas antes a uma anterior. Correlhã é uma das mais antigas paróquias do concelho de Ponte